

A Batalha de Atoleiros (6 de Abril de 1384): Ensaio Geral para Aljubarrota?

João Gouveia Monteiro
Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Resumo

Este artigo revisita, com detalhe, a batalha de Atoleiros, que teve lugar no Alto Alentejo em 6 de Abril de 1384. Trata-se de um combate pouco valorizado pela historiografia tradicional, mas que teve enorme importância política, psicológica e, claro, militar. Por um lado, consolidou o partido do Mestre de Avis mostrando a todos que ele tinha força suficiente para se impor e provando que os Castelhanos, afinal, não eram invencíveis. Por outro, impediu a junção das tropas castelhanas que invadiam o Alentejo com aquelas que já montavam o cerco a Lisboa. Além disso, a solução tática adoptada por Nuno Álvares Pereira (combate apeado, combinando cavalaria desmontada, peonagem e atiradores) foi engenhosa e revelou grande actualização, resultante do largo contacto estabelecido durante as guerras fernandinas com os homens-de-armas ingleses. Neste sentido, a batalha de Atoleiros pode ser a justo título considerada como precursora da grande vitória obtida em Aljubarrota, escassos quatro meses mais tarde.

Palavras-chave: guerra medieval, tática militar, Crise de 1383-1385, Nuno Álvares Pereira.

No decurso da chamada Crise de 1383-1385 tiveram lugar, para além de inúmeras operações de cerco (de castelos ou praças-fortes) e de muitas cavalgadas devastadoras em território inimigo (a que chamaríamos hoje 'acções de guerrilha'), quatro combates principais em campo aberto: as batalhas de Atoleiros (em 6 de Abril de 1384), de Trancoso (em 29 de Maio do mesmo ano), de Aljubarrota (em 14 de Agosto de 1385) e de Valverde (possivelmente em 17 de Outubro de 1385). Tal como era comum suceder na Idade Média, os principais envolvidos na disputa pela sucessão de D. Fernando (o rei de Castela, D. Juan I; e o Mestre de Avis, eleito em Abril de 1385 rei de Portugal com o nome de D. João I) não participaram pessoalmente senão num destes combates – o que se revelaria decisivo para o desfecho da Crise: a batalha de Aljubarrota. Os outros foram assunto de Mestres de Ordens Militares, de fronteiros e de Condestáveis, ou

então de grandes fidalgos (geralmente tão interessados em defender os seus interesses pessoais como os dos chefes que representavam). Também por este facto, a batalha de Aljubarrota tem monopolizado as atenções dos historiadores, a começar pelo autor deste breve ensaio¹. E no entanto, também os outros combates, ainda que de proporções muito mais modestas, mereciam uma revisão cuidadosa. Não só pelo seu valor militar intrínseco, do ponto de vista estratégico e tático, como pelo seu significado político e até psicológico, tendo em conta a relevância do seu contributo para o desfecho final da Crise que poria fim à primeira dinastia portuguesa².

No caso da batalha de Atoleiros, de que nos ocuparemos neste ensaio, pode dizer-se que essa revisão está em curso. O campo de batalha tem sido objecto de alguns estudos preliminares nos últimos anos e o empenho da Câmara Municipal de Fronteira levou à criação nesta vila de um bom Centro de Interpretação, que certamente ajudará a tirar um pouco mais da sombra este acontecimento tão relevante da nossa História. Assim, à “mise au point” tão conscienciosamente preparada, há quase um quarto de século, pelo Coronel Carlos Gomes Bessa³ têm-se sucedido pequenos artigos de

1 - Cf. João Gouveia Monteiro (coord.), *Aljubarrota Revisitada*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001 (em colaboração com Fernando Pedro Figueiredo, Lídia Catarino, Helena Catarino, Eugénia Cunha, Carina Marques e Vítor Matos); e João Gouveia Monteiro, *Aljubarrota, 1385: a Batalha Real*, Lisboa, Tribuna da História, 2003. É obrigatório recordar também o valioso estudo do General Frederico Alcide de Oliveira, *Aljubarrota Dissecada*, 2.ª edição, revista e ampliada, Lisboa, Direcção do Serviço Histórico Militar, 1988. De entre os trabalhos mais recentes, destacamos: Luís Miguel Duarte, *Guerra pela Independência, 1383-1389* (Academia Portuguesa de História, col. “Batalhas da História de Portugal”, vol. 4), Lisboa, Quidnovi, 2006; e João Gouveia Monteiro, “Estratégia e Risco em Aljubarrota: a decisão de dar batalha à luz do ‘paradigma Gillingham’”, in *A Guerra e a Sociedade na Idade Média*, VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 2009 (pp. 75-107).

2 - Sobre a batalha de Trancoso, o estudo de conjunto mais completo continua a ser o de Salvador Dias Arnaut, *A Batalha de Trancoso*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1947. Para uma primeira abordagem da batalha de Valverde, pode ver-se a síntese do General Altino de Magalhães, “A guerra continua no território castelhano. A batalha de Valverde”, in *Aljubarrota – 600 Anos depois*. Ciclo de Conferências na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, Minerva, 1987 (pp. 243-260). Ao General Loureiro dos Santos se deve uma interpretação inovadora da articulação estratégica destes vários combates (o de Aljubarrota incluído): *Abordagem estratégica da Guerra da Independência*, Lisboa, Direcção do Serviço Histórico Militar, 1986. Entretanto, é imprescindível acompanhar os trabalhos arqueológicos que vêm sendo feitos nos campos de batalha de Aljubarrota e de Trancoso, os quais poderão no futuro iluminar as nossas reconstituições destes confrontos: cf. Maria Antónia de Castro Athayde Amaral, “Os vestígios materiais da guerra – o caso da Batalha de Aljubarrota (S. Jorge, Porto de Mós) e da Batalha de S. Marcos (Trancoso)”, in *A Guerra e a Sociedade na Idade Média*, VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 2009 (pp. 521-537).

3 - Cf. Carlos Gomes Bessa, “Batalha dos Atoleiros. Seu carácter precursor em Portugal”, in *Aljubarrota – 600 Anos depois*. Ciclo de Conferências na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Lisboa, Minerva, 1987 (pp. 97-128).

divulgação bastante interessantes⁴, de algum modo estimulados pela canonização de Nuno Álvares Pereira em Abril de 2009 (facto que motivou, aliás, uma bela exposição sobre o Condestável na Escola Prática de Infantaria, em Agosto de 2009). Parece, portanto, ser esta uma altura adequada para voltarmos ao tema, tendo sempre presente que as duas principais fontes narrativas de que dispomos para o estudar são duas preciosas crónicas portuguesas da primeira metade do séc. XV: a *Crónica do Condestabre* (obra de autor anónimo mas decerto muito próximo de Nuno Álvares Pereira, composta pouco depois da morte deste em 1431)⁵ e a *Crónica de D. João I* (1.^a Parte), de Fernão Lopes (redigida por volta de 1440)⁶. A estas duas fontes é obrigatório acrescentar o relato de Pero Lopez de Ayala⁷, o chanceler e cronista de D. Juan I de Castela, relato esse que contudo, por ser muito seco e abreviado, apesar de contemporâneo não tem o mesmo interesse das duas narrativas portuguesas.

Nos finais de Março de 1384, o rei de Castela estava decidido a cercar Lisboa. A partir de Santarém, e já depois de ter usurpado a regência de Portugal a sua sogra Leonor Teles, D. Juan I ia acompanhando os primeiros movimentos ofensivos das suas tropas na região do Lumiar. A 26 de Maio, juntamente com a esposa D. Beatriz (filha única de Fernando e Leonor), avançaria em força sobre a capital e instalaria o seu imenso arraial na zona do mosteiro de Santos. Com a frota castelhana posicionada no Tejo ficava completo o bloqueio a Lisboa, por todos considerada a “chave-militar” do reino. Do lado de dentro, há muito (desde Fevereiro) que o Mestre de Avis preparava como podia a resistência a um cerco que se antevia tremendo. Mas, ao mesmo tempo, pensava em prevenir a entrada de mais tropas castelhanas pela planície alentejana,

4 - Cf., entre outros: Carlos Afonso, “A Crise de 1383-1385 e a Batalha de Atoleiros”, in *Azimute* (Revista Militar de Infantaria), n.º 187, Agosto de 2009 (pp. 39-44); e Abílio Pires Lousada, Luís Falcão e António Cordeiro Meneses, “Nuno Álvares Pereira e a Batalha dos Atoleiros”, in *Jornal do Exército*, Ano L, n.º 588, Outubro de 2009 (pp. 49-60).

5 - *Crónica do Condestabre de Portugal* [a partir de agora, citada apenas por CC], Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1969 (reprodução fac-similada da edição original, de 1526). Nesta fonte, o relato da batalha de Atoleiros (incluindo os seus preliminares e as suas sequelas) desenvolve-se entre os caps. XXVII e XXIX (fls. XIX-XXIV); no entanto, o essencial encontra-se concentrado no cap. XXVIII (fls. XX-XXIIIv.º).

6 - Fernão Lopes, *Crónica del Rei dom João I da boa memória. Parte Primeira* [a partir de agora, citada apenas por CDJ, I], Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1977 (reprodução fac-similada da edição do Arquivo Histórico Português, de 1915, preparada por Anselmo Braancamp Freire). Fernão Lopes concentrou o essencial do seu relato sobre o combate de Atoleiros no cap. XCV (pp. 158-161), mas um enquadramento completo deste episódio aconselha a leitura dos caps. LXXXVII a XCVI (pp. 145-162).

7 - Pero Lopez de Ayala, “Crónica del rey Don Juan Primero de Castilla e de León” [a partir de agora, citada apenas por CDJ-Castela], in *Crónicas*, Edición, prólogo y notas de José-Luis Martín, Barcelona, Planeta, 1991. O breve relato de Lopez de Ayala sobre a batalha de Atoleiros encontra-se em: Año VI, 1384, cap. IV (pp. 563-564).

ou pelo menos em evitar que estas se viessem juntar, mais tarde ou mais cedo, à hoste que sitiava a capital.

Por isso, em Março de 1384 o Mestre nomeou Nuno Álvares Pereira como fronteiro da comarca de Entre Tejo-e-Guadiana (i.e., como superintendente militar de toda a província do Alentejo). Nuno era filho do Prior do Hospital (D. Álvaro Gonçalves Pereira) e não completara ainda 24 anos. A sua nomeação suscitou suspeitas e invejas entre os fidalgos mais próximos do Mestre, mas este não vacilou na escolha. Atribuiu ao jovem fronteiro um pequeno exército e pediu-lhe que correspondesse ao apelo de algumas vilas e castelos alentejanos que já tinham voz por ele e que pediam que lhes enviasse um bom capitão para os ajudar a expulsar os Castelhanos da sua comarca. Na verdade, Juan I dera ordens ao seu almirante-mor (Fernão Sanches de Tovar) para que juntasse as suas tropas às do Mestre de Alcântara, às do Conde de Niebla e às do Prior do Hospital (Pedro Álvares Pereira, irmão de Nuno) com o objectivo de arrasarem a comarca e se juntarem depois ao rei em Lisboa. O plano foi bem assimilado e estava já a ser cumprido, como bem documenta a ofensiva de cinco dias realizada sobre Portalegre.

Nun'Álvares não perdeu tempo. Escolheu quatro dezenas de escudeiros que estavam na capital (alguns deles, segundo Fernão Lopes, escudeiros de Évora e de Beja que conheciam bem a região e o terreno⁸) e abalou de Lisboa com cerca de 200 "lanças" (homens montados e equipados para a guerra) e com soldo para um mês de campanha. O Mestre foi-se despedir dele a Coima, com isso legitimando os poderes do jovem fronteiro, que incluíam capacidade para dar e confiscar bens pessoais, conceder ou retirar menagens aos alcaides dos castelos e fazer justiça.

À chegada a Setúbal, Nun'Álvares viu ser-lhe recusada a entrada na cidade, mas não esmoreceu e aproveitou o acampamento no exterior para organizar melhor as suas tropas: instalação de guarda (diurna e nocturna) no arraial; criação de um sistema de recolha de informação inteligente e de localização do inimigo baseado numa corrente de estafetas e de mensageiros; nomeação de um conselho de guerra com representantes de todos os concelhos incluídos na sua hoste; criação de uma bandeira própria; e nomeação de oficiais subalternos para todas as funções (um alferes para cuidar do estandarte, um meirinho para executar as decisões judiciais, um ouvidor para recolher as queixas, um carcereiro para se ocupar dos prisioneiros, um tesoureiro para gerir as verbas recebidas do Mestre e de outras fontes, e um capelão e pregador para assistir espiritualmente este pequeno exército).

8 - Neste ponto, é curiosa a referência de Fernão Lopes (CDJ, I, cap. LXXXVII, pp. 146-147) segundo a qual alguns destes homens tinham sido expulsos de Évora e de Beja por não merecerem a confiança política das populações alentejanas.

Seguiu-se a marcha para Montemor-o-Novo (onde foram muito bem acolhidos pelos notáveis do lugar) e, depois, para Évora. A partir daqui, Nun'Álvares enviou numerosas cartas a todos os lugares da província, apelando a que mais tropas se viessem juntar-lhe. Conseguiu assim recrutar mais 30 lanças e cerca de 1.000 peões e besteiros. Avançou então para Estremoz, onde veio a saber que uma poderosa hoste castelhana tinha já alcançado o Crato e se preparava para pôr cerco à vila de Fronteira. Este facto levou Nun'Álvares a intensificar a sua campanha de recrutamento nos concelhos de Estremoz, de Beja e de Elvas, e foi na primeira destas localidades que o fronteiro avaliou os resultados dos seus esforços, ao realizar, na Praça do Rossio, um primeiro alardo (i.e., uma primeira revista) às suas tropas: segundo Fernão Lopes, Nun'Álvares podia contar com 300 homens a cavalo (180 dos quais equipados com bacinetes, i.e. com boas protecções de cabeça, para além da restante indumentária de combate), com perto de 100 besteiros e com pouco mais de 1.000 peões (decerto rudemente equipados). Não era muita gente para enfrentar uma hoste bem recheada; como resume o cronista, "pouca gente darmas, e nom bem armados"⁹... Perante isto, Nun'Álvares compreendeu que tudo dependeria da motivação dos seus homens, da sua disponibilidade para lutar de forma organizada e sofrida. Por isso, no dia 5 de Abril de 1384, D. Nuno falou aos seus procurando mobilizá-los para a árdua tarefa de combaterem os Castelhanos que estavam no Crato. Mas os homens hesitavam, face ao poderio do adversário e aos grandes nomes que vinham na hoste castelhana. Constava que os inimigos tinham consigo mais de 1.000 lanças e muitos ginetes (cavalaria ligeira), para além de besteiros e de um elevado número de homens de pé. Também a presença dos irmãos de Nun'Álvares (e de um fidalgo chamado Martim Anes Barvudo que se intitulava então Mestre de Avis) na hoste adversária lançava a perplexidade e a dúvida na pequena hoste do jovem fronteiro. Tudo somado, os homens começaram por recusar a ideia de um combate directo, com isso obrigando Nun'Álvares a dramatizar o seu discurso até conseguir convencê-los¹⁰. Nessa noite ainda houve quem tentasse desertar, mas o grosso da hoste parece ter ficado rendida à argumentação e ao exemplo do seu líder e, na madrugada seguinte, dia 6 de Abril, depois de tocadas as trombetas e ouvida a missa, todos abalaram de Estremoz marchando na direcção de Fronteira (c.20 km), precedidos por um corpo de batedores do terreno. A duas léguas e meia (c.7,5 km) de Fronteira encontraram um escudeiro castelhano, de nome Rui Gonçalves, que cavalgava em sentido contrário com uma mensagem dos seus senhores: que desistissem da temerária ideia de combater em

9 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCII (p. 153).

10 - Fernão Lopes afirma que Nun'Álvares disse que não reconhecia os seus irmãos como tal e que se ofereceu para ser ele próprio a encabeçar o combate: "que eu seja o deamteiro amte a minha bamdeira, e o primeiro que comece a pellejar" (cf. CDJ, I, cap. XCIII, p. 155).

condições de tamanha desigualdade e, quanto a Nun'Álvares, que pensasse melhor e aderisse ao partido dos irmãos e à causa de Juan e Beatriz. Explica a *Crónica do Condestabre* que Nuno recusou com altivez esta proposta e pediu mesmo a Rui Gonçalves (que devia conhecer pessoalmente porque vivera em tempos na casa do seu pai, o Prior do Hospital) que prevenisse os Castelhanos para se prepararem para lutar e dentro de muito pouco tempo¹¹. Informados disto, os Castelhanos suspenderam os preparativos do assédio a Fronteira e organizaram-se para marchar ao encontro de Nun'Álvares, tomando para isso a estrada que, passando por Santo Amaro, conduzia a Estremoz.

Este lapso de tempo deve ter tido uma influência decisiva no desfecho do combate. Com efeito, depois da partida de Rui Gonçalves, a hoste de Nun'Álvares avançou apenas mais uma légua (c.5 km) até alcançar um “logar bem comvinhavell pera a batalha, omde chamom os Atolleiros”, situado a apenas uma “mea legoa pouco mais ou menos aaquem de Fromteira”¹². Parece que se tratava de um terreno com uma inclinação suave, apresentando na sua zona mais baixa uma linha de água conhecida como a ribeira do Carvalho ou das Águas Belas. Esta ribeira não configuraria um obstáculo inultrapassável, pois não seria demasiado larga e profunda, mas Nun'Álvares deve ter pensado que ela poderia ser muito útil para dificultar a progressão adversária na hora da arrancada castelhana. Para mais, tanto a nascente como a poente corriam mais duas pequenas linhas de água, afluentes da ribeira das Águas Belas, o que ajudaria a conferir um contorno tacticamente muito interessante ao local seleccionado pelo jovem fronteiro. O cabeço onde Nun'Álvares se deve ter instalado apresentava um topo aplanado e não seria muito amplo: cerca de 200 metros de frente (no sentido leste-oeste) e não mais do que 100 m de profundidade. Dali até às referidas linhas de água não distariam mais de 15 a 20 metros, em linha recta, um desnível que no entanto seria precioso para tirar partido da capacidade de disparo dos atiradores com besta e da capacidade de arremesso de dardos e de pedras pelos peões.

Uma observação cuidadosa do terreno sugere que Nun'Álvares terá disposto a sua hoste num local cerca de 150 m a nascente da travessia da ribeira das Águas Belas. Por outro lado, os estudos geológicos e hidrológicos denunciam a natureza argilosa dos solos nesta área e revelam que se tratava de uma zona rica em água (aspecto bem documentado pela presença de uma ribeira com vários afluentes, para além de quatro nascentes). O próprio topónimo “Atolleiros” aponta para um lugar alagadiço, ainda por cima tendo em conta que estamos a reconstituir um episódio passado no

11 - Cf. CC, cap. XXVIII (fl. XXIIv.⁹).

12 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 158).

mês de Abril, altura em que as linhas de água levariam bastante caudal provocando assim um certo alagamento do conjunto do terreno.

Um levantamento topográfico realizado em 2006 por António Coelho da Rocha permitiu também desenvolver um Modelo Digital de Terreno do paleorelevo do local, cuja topografia original foi alterada, uma vez que durante a 2.^a metade do séc. XIX se construiu a actual estrada asfaltada, para além de na década de 1930 ali se ter preparado o ramal da CP ligando Estremoz a Portalegre; além disso, entre 1987 e 1994, a construção de duas barragens para irrigação na ribeira do Carvalho implicaram também alterações na paisagem original¹³. Por outro lado, António Coelho da Rocha e Paulo Morgado investiram na realização de um trabalho de fotointerpretação tendo em conta a análise geológica, geomorfológica e hidrológica do terreno¹⁴. Os objectivos principais deste trabalho com fotografia aérea relacionavam-se com a interpretação do relevo e das vias de comunicação e com a tentativa de identificação de potenciais vestígios da batalha (estruturas defensivas, enterramentos ou outras). Isso permitiu identificar áreas de interesse e seleccionar zonas preferenciais para trabalhos de prospecção indirecta (geofísica) ou directa (intervenção arqueológica). Foram, aliás, já realizados alguns trabalhos de prospecção geofísica¹⁵ cujos resultados aguardam agora confirmação e aprofundamento através de intervenção arqueológica. Refira-se ainda que, no decurso destes valiosos estudos, foi construído um Sistema de Informação Geofísica (articulando topografia, fotografia aérea e geofísica) e que numa área suspeita já identificada pela foto-interpretção (uns 100 m a sul da ribeira e c.50 m a nascente da estrada) revelou a presença de muitas pedras de calcário arredondadas com 10 x 20 cm de diâmetro, dispersas por uma área com cerca de 50 metros de diâmetro, com a curiosidade suplementar de se tratar de material exógeno e que pode, por isso, ter alguma relação com o combate e com a táctica adoptada na batalha pela hoste de Nuno Álvares Pereira.

Ocupada esta posição (discretamente) favorável para o combate – um privilégio de quem conseguia escolher previamente o campo de batalha e seduzir o adversário a travar a luta naquelas condições – Nun'Álvares tratou de dispor a sua pequena hoste. A primeira decisão relevante consistiu em mandar apeiar todos os cavaleiros: à boa maneira inglesa, o jovem fronteiro queria que todos combatessem a pé, sem possibi-

13 - Cf. "Campo Militar dos Atoleiros, Atoleiros-Fronteira, Levantamento Topográfico", Relatório, Sigologia, Maio de 2006.

14 - Cf. "Campo Militar dos Atoleiros, Atoleiros-Fronteira, Fotointerpretação", Relatório, Sigologia, Junho de 2006.

15 - Cf. "Campo Militar dos Atoleiros, Atoleiros-Fronteira, Prospecção geofísica", Relatório, Sigologia, Junho de 2006.

lidade de fuga e dispostos a vencer ou a morrer. Depois, Nun'Álvares organizou dois corpos (ou "azes") principais: uma vanguarda que ele próprio comandaria, conforme o prometido em Estremoz; e uma retaguarda (ou reserva). Finalmente, nas alas foram colocados os atiradores com besta (para poderem disparar com desimpedimento do campo de tiro) e muitos homens de pé (pelo menos uma parte deles munidos de dardos ou de pedras de arremesso). Possivelmente, houve um pequeno corpo de besteiros que terá ficado posicionado no topo do cabeço. Tal como era costume neste género de dispositivos, Nun'Álvares teve também o cuidado de misturar alguns homens de armas (mais experientes e mais bem equipados) no seio da peonagem, para os animar e enquadrar e para prevenir qualquer possibilidade de fuga.

Feito isto, Nun'Álvares passou à fase seguinte: o tradicional discurso de emulação às tropas. Seguindo o roteiro retórico tradicional, o comandante assegurou aos seus homens que a causa que defendiam era justa (e, por isso, teria caução divina), apelou à sua capacidade de sofrimento em nome da defesa da sua terra, dos seus bens e das suas famílias, e acenou-lhes com honras e recompensas vultuosas caso saíssem vencedores. Seguiu-se uma oração colectiva (também habitual nos exércitos medievais, que se faziam geralmente acompanhar por sacerdotes e alfaias religiosas), finda a qual Nun'Álvares tomou a sua lança e vestiu o seu bacinete (possivelmente sem baixar a respectiva viseira, para ser mais facilmente reconhecido pelos seus homens durante a refrega). Restava esperar a investida do adversário, cuja chegada se anunciava já na linha do horizonte.

Ao alcançarem a herdade onde a hoste inimiga tinha disposto as suas tropas, os Castelhanos realizaram um alto para avaliar a situação. E, aparentemente antes de procederem a qualquer reconhecimento cuidadoso do terreno, fizeram então uma opção de fundo que se revelaria infeliz: segundo Fernão Lopes (que neste ponto segue de muito perto a narrativa da *Crónica do Condestabre*), ao verem o pequeno exército português todo apeado, disposto pela encosta acima e aguardando a investida inimiga, os capitães castelhanos decidiram travar o combate a cavalo ("hordenarom de viinr aa batalha de cavallo")¹⁶. Contavam decerto com a superioridade dos seus efectivos (que incluíam cerca de um milhar de homens montados) e do seu equipamento militar, e não devem ter visto motivos para abdicar das grandes vantagens que a utilização das montadas conferia: rapidez de execução, mobilidade, conforto na subida da encosta (ainda que suave), segurança (pois seria muito mais fácil fugir em caso de insucesso), vantagem natural no momento do choque (impacto da carga, possibilidade de atingir o adversário a partir de cima), etc.. Assim, os ginetes,

16 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 159); e CC, cap. XXVIII (fl. 23).

uma parte substancial da peonagem (aqui se incluindo possivelmente os besteiros) e o trem de apoio foram desviados para uma encosta semeada de trigo (“huña ladeira dhuñ pam verde”)¹⁷ que havia nas redondezas, enquanto a cavalaria pesada organizava as suas linhas de ataque. Tal como era hábito na época, estas devem ter sido formadas em regime de pequenos esquadrões de uma dúzia de cavaleiros (os “conrois”), cada qual com o seu capitão e a sua bandeira, dispostos lado a lado a curta distância e escalonados em profundidade¹⁸. Formadas as várias linhas umas atrás das outras, os Castelhanos tomaram as suas lanças compridas e esporearam os cavalos, abalando em direcção ao adversário. A meio caminho, com os cavalos já a galope, puseram as lanças (que de início levavam ao alto) na horizontal e fixaram-nas debaixo das axilas, bem apertadas contra os flancos e prontas para carregar com o máximo de potência¹⁹. Segundo o biógrafo anónimo de Nun’Álvares Pereira, nesta arrancada os Castelhanos gritavam “Castela! Santiago!” e faziam “grãdes alaridos como mouros”²⁰, decerto como forma de atemorizar os inimigos e de estimular a ousadia dos seus próprios cavaleiros.

Enquanto isso, a hoste portuguesa preparava-se para a recepção do ataque. Logo que os adversários entraram no seu campo de tiro (o alcance útil das armas neurobalísticas do tipo das bestas não excedia os 200 m, e o das fundas sensivelmente a mesma coisa), lançaram no ar um chuveiro de virotões, de pedras e de dardos que fizeram empinar os cavalos provocando o derrube de muitos cavaleiros e semeando a confusão na primeira linha castelhana. A acreditar em Fernão Lopes (que neste ponto se afasta um pouco da narrativa da *Crónica do Condestabre*), estes projecteis foram lançados não só a partir das alas mas também por atiradores colocados atrás da retaguarda portuguesa, ou seja, no topo do outeiro, que assim terão disparado por cima da cabeça dos homens de armas que compunham a vanguarda e a reserva de Nun’Álvares²¹. Certo é que o estrago foi grande, de tal modo que alguns cavalos castelhanos, sentindo-se feridos, “queriam dar vollta, e tornamdo atras e topamdo em

17 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 159).

18 - Cf. João Gouveia Monteiro, “A táctica militar na Europa do século XIV: princípios, antecedentes e inovações”, in *Entre Romanos, Cruzados e Ordens Militares. Ensaio de História Militar Antiga e Medieval*, Lisboa, Salamandra, 2010 (p. 184).

19 - É o que se chama a técnica da ‘lança deitada’ (*lance couchée*), típica da cavalaria (e, sobretudo, dos Cruzados) na 2.ª metade da Idade Média: cf. *Idem, ibidem* (pp. 176-177); e ainda João Gouveia Monteiro, “As Ordens Militares e os modelos tácticos de combate de um e do outro lado do Mediterrâneo – uma abordagem comparada”, in *Entre Romanos, Cruzados e Ordens Militares. Ensaio de História Militar Antiga e Medieval*, Lisboa, Salamandra, 2010 (p. 259).

20 - Cf. CC, cap. XXVIII (fl. XXIII).

21 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 159).

outros cahiam em terra”²². Ou seja, os animais recusavam-se a progredir e tentavam recuar para fugir ao chuva de flechas, de dardos e de pedras que se abatera sobre eles com toda a força, dado o facto de tais mísseis estarem a ser arremessados de cima para baixo. Contudo, se avançar parecia mau caminho, recuar também se revelava problemático: é que pouco atrás da primeira linha castelhana vinha a segunda, e depois a terceira, e assim sucessivamente. Isto é, o recuo de uma linha mais adiantada provocava inevitavelmente o choque com outra mais recuada... Com tudo isto, muitos cavaleiros foram derrubados e, devido ao peso das suas armaduras de corpo, acabaram por ficar meio inutilizados no terreno, boa parte deles feridos em resultado da queda da montada, uns e outros decerto atordoados com o rumo que o combate estava a levar ainda antes de chegarem ao contacto com a vanguarda adversária!

De certo modo, podemos comparar esta situação com o sucedido na primeira grande batalha terrestre da Guerra dos Cem Anos, em Crécy (Norte de França), a 26 de Agosto de 1346 (dia de trovoadas e de chuva intensa que tornou o terreno muito lamacento). Nesse combate, as sucessivas cargas da cavalaria pesada francesa (quase sem apoio dos atiradores) estilhaçaram-se sucessivamente depois de tentarem aceder, encosta acima, ao contacto com o exército desmontado sabiamente disposto pelo rei inglês Eduardo III num terraço agrícola mais elevado²³. Ora, em Atoleiros – com as devidas diferenças tendo em conta a escala reduzida da batalha e as especificidades de um terreno mais suave – parece indiscutível que também os esquadrões das primeiras linhas castelhanas chegaram ao contacto com a vanguarda de Nun’Álvares já algo diminuídos e desorganizados, o que era quase sempre fatal para a eficácia da respectiva carga. O terreno pesado e entrecortado por pelo menos uma linha de água (a ribeira das Águas Belas) e o *volley* de projecteis recebido durante a aproximação à posição inimiga quebraram o *élan* de um choque que se pretendia *en masse* e que só dessa forma poderia ter sido eficiente. Os cavaleiros dos “conrois” devem ter chegado ao momento do choque já desgarrados e razoavelmente distantes uns dos outros, o que era fatal para o sucesso de uma carga de cavalaria munida de *lance couchée*. Presa fácil da tropa apeada portuguesa, os ataques das linhas dianteiras da cavalaria pesada castelhana foram sendo secundados, durante algum tempo, pela chegada das linhas mais recuadas: Fernão Lopes explica que “viinham outros de rrefresco, que estavom atras pera isto prestes”²⁴. Mas o destino desses reforços acabava por ser o mesmo, ou seja não lograva alcançar o seu objectivo principal: desbaratar a

22 - *Idem, ibidem*.

23 - Veja-se um breve resumo deste combate no nosso livro *Aljubarrota, 1385: a Batalha Real*, já citado (pp. 53-56).

24 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 159).

coesa formação de infantaria e cavalaria desmontada pessoalmente liderada por Nun'Álvares. Dizem as crónicas que, desde o início, a tropa portuguesa respondeu cerrada e firmemente, as lanças abaixadas, "cada huũ ao seu" (i.e., os contos das lanças apoiados no solo e as extremidades aguçadas apontadas aos peitos dos cavalos inimigos). Com isto, "os cavallos topamdo em ellas [nas lanças adversárias] alguũs delles cahirom logo em terra com seus donos"²⁵. O destino da batalha estava traçado. Apesar de intensa e "pellejada de voomtade"²⁶, a luta acabaria por se tornar favorável à hoste mais pequena. Não temos notícia de que o comando português tenha tido necessidade de mandar avançar a sua reserva para apoio da linha da frente, mas não é impossível que tal tenha acontecido durante a fase mais acesa do combate, até como forma de neutralizar eventuais manobras de pequenos corpos de cavaleiros castelhanos que tivessem logrado atravessar a vanguarda portuguesa. Certo é que, aos poucos, o pânico foi-se instalando entre os Castelhanos. Com a morte do Mestre de Alcântara, Diego Martins, o nível de organização da hoste invasora atingiu o 'ponto de não retorno'. Sem hábitos de reagrupamento (estamos a falar de exércitos amadores e sem treino colectivo), ao fim de relativamente pouco tempo (Fernão Lopes escreve que a batalha durou "mui pouco espaço"²⁷) foi o *sauve qui peut*...

Ao ver os adversários bater em retirada, Nun'Álvares deu o sinal para a perseguição. Quem pôde, deitou mão a uma montada (sua ou castelhana) e acompanhou o fronteiro numa cavalgada feroz atrás dos inimigos (as perseguições eram sempre momentos de descarga de ódios e de medos). Ao que se sabe, os Castelhanos fugiram nas direcções do Crato (norte) e de Monforte (este), muito embora Pero Lopez de Ayala sugira que a retirada se concretizou em boa ordem e que nem sequer houve perseguição: "Los otros [os Castelhanos] recogieron en uno, e los de Portugal non les osaron más cometer"²⁸. Em boa verdade, parece mais verosímil a versão do biógrafo de D. João I: raramente um exército medieval surpreendido no campo de batalha conseguia abandonar o terreno em boa ordem, e era frequente o adversário aproveitar a sua debandada para o perseguir impiedosamente, uma vez que esse era justamente o momento em o inimigo (disperso e sem as armas a postos para lutar) se encontrava mais fragilizado e vulnerável. Faz, por isso, sentido o saboroso comentário que Fernão Lopes coloca na boca do almirante de Castela: "Homem

25 - *Idem, ibidem*.

26 - *Idem, ibidem* (p. 160).

27 - *Idem, ibidem*. A *Crónica do Condestabre* não fornece esta indicação, sendo possível que Lopes a tenha recolhido por via de testemunhos orais de combatentes na batalha, os quais teve ainda a oportunidade de conhecer (o cronista deve ter nascido entre 1380 e 1390 e pode já ter sido o autor da *Crónica de Portugal* iniciada em 1419 por ordem do Infante D. Duarte).

28 - Cf. Pero López de Ayala, CDJ-Castela, Año VI, 1384, cap. IV (p. 564).

morto nom troba sollido. Amde a bamdeira e vaasse, ca depois que homem hũa vez he desbaratado, mall torna outra vez aa batalha”²⁹!

Como quer que seja, a ter existido, a perseguição não deve ter sido longa. A *Crónica do Condestabre* informa que ela durou “hũa legoa e mea” (i.e., c.7,5 km)³⁰, tendo sido interrompida ao crepúsculo para não se tornar numa aventura demasiado temerária. Nun’Álvares regressou então ao campo de batalha, onde, entre mortos e feridos, haviam tombado algumas dezenas de Castelhanos: 40 homens de armas logo ao “primeiro jumtar” (i.e., no momento do choque inicial), e “depois outros ataa seteemta e sete”, informa Fernão Lopes³¹. Das baixas portuguesas não dão as crónicas conta, a não ser para dizer que não morreu ali ninguém, o que é totalmente inverosímil... Seguro é que na batalha de Atoleiros perderam a vida diversos fidalgos castelhanos de nomeada, entre os quais, para além do Mestre de Alcântara, o craveiro (um alto oficial) da mesma Ordem Militar e Pero Gonçalves de Sevilha. Também o escudeiro-mensageiro Rui Gonçalves morreu nesta batalha. Entre os feridos, as fontes inscrevem os nomes do almirante de Castela, do Prior do Hospital (o primogénito dos Pereira) e de Garcia Gonçalves de Grisalva, entre outros cavaleiros de nomeada³².

Nessa mesma noite de 6 de Abril, foi já em Fronteira que Nun’Álvares dormiu, decerto saboreando a sua primeira grande vitória militar. Claro que ela parece ter sido facilitada pela fraca prestação do adversário, que não reconheceu convenientemente o terreno e que errou ao prescindir dos seus atiradores (que poderiam ter sido muito úteis na fase inicial do combate, para desorganizar e ‘descompactar’ a formação portuguesa), da sua cavalaria ligeira e da sua peonagem, apostando as fichas todas numa carga de cavalaria pesada aplicada sobre um terreno encharcado e com inclinação desfavorável. O próprio chanceler castelhano reconhece a desastrosa precipitação: “(...) e por la mala ordenanza que ovieron fueron desabaritados”³³. Mas nem por isso devemos retirar o mérito ao modelo táctico concebido pela hoste vencedora. Desde logo porque teve a ousadia de tomar a iniciativa do combate e conseguiu atrair a ele, num terreno que lhe era claramente favorável, o seu adversário. Em segundo lugar, porque soube adequar o seu dispositivo ao campo de batalha, otimizando o efeito e a capacidade de tiro dos besteiros e dos fundibulários, o que se revelou um factor absolutamente decisivo para retardar e desorganizar a poderosa carga da cavalaria pesada castelhana. Em terceiro lugar, ao optar por um combate totalmente apeado,

29 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 160).

30 - Cf. CC, cap. XXVIII (fl. XXIIIv.^o).

31 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 160).

32 - *Idem, ibidem*.

33 - Cf. Pero López de Ayala, CDJ-Castela, Año VI, 1384, cap. IV (pp. 563-564).

Nun'Álvares arriscou mas foi recompensado: nivelou a sorte dos homens envolvidos e as suas probabilidades de sobrevivência, daí retirando um efeito psicológico importante, sobretudo junto daqueles menos habituados a combater e que, com os homens de armas desmontados a seu lado, receberam um suplemento de alma que deve ter sido extremamente moralizador.

Fernão Lopes sublinha esta faceta do combate apeado, e a sua observação tem sido largamente evocada por todos os estudiosos da batalha: “Omde aqui notaae, que este NunAllvarez foi ho primeiro, que da memoria dos homêes ataa este tempo pos batalha pee terra em Portugall e a vemçeo”³⁴. Julgo que devemos ter a prudência de relativizar este comentário, proferido por um cronista notabilíssimo (decerto um dos melhores de toda a Baixa Idade Média europeia) mas que percebia muito pouco de arte militar e que não consta que alguma vez tenha participado numa batalha (ao contrário, p.ex., de Pero Lopez de Ayala, que esteve em combates tão espetaculares quanto Nájera-1367 e Aljubarrota-1385). A verdade é que a tendência da historiografia militar medieval aponta cada vez mais no sentido da reabilitação da infantaria dos sécs. XII e XIII: foram muitos e relevantes os combates em que tropa apeada (por vezes combatendo sem apoio de cavaleiros) foi decisiva, um pouco por todo o Ocidente europeu³⁵. Portugal não deve ter sido excepção a esta regra e os poucos relatos credíveis de que dispomos e que aludem a combates em campo aberto no século anterior a Atoleiros (1284-1384) não parecem desprezar o contributo dos peões³⁶. Além disso, há décadas que os exércitos ingleses actuavam no continente europeu utilizando um dispositivo táctico assente em corpos muito coesos de infantaria e cavalaria desmontada, bem apoiados por atiradores munidos de *long-bow* (arco-longo). Durante as Guerras Fernandinas, é inevitável que os mercenários ingleses ao serviço do conde de Cambridge tenham dado conta desses desenvolvimentos tácticos aos comandantes que os acolheram em Portugal (e Nun'Álvares já andou envolvido na terceira dessas guerras, em 1381-1382). Portanto, o sistema estava inventado e a sua eficácia era (re)conhecida. Restava pô-lo em prática com sabedoria, e foi isso mesmo que Nun'Álvares conseguiu fazer de forma brilhante. Tal como faria no campo de batalha de S. Jorge-Aljubarrota, 16 meses mais tarde. Os dois combates têm uma escala completamente distinta, mas as semelhanças no seu código genético

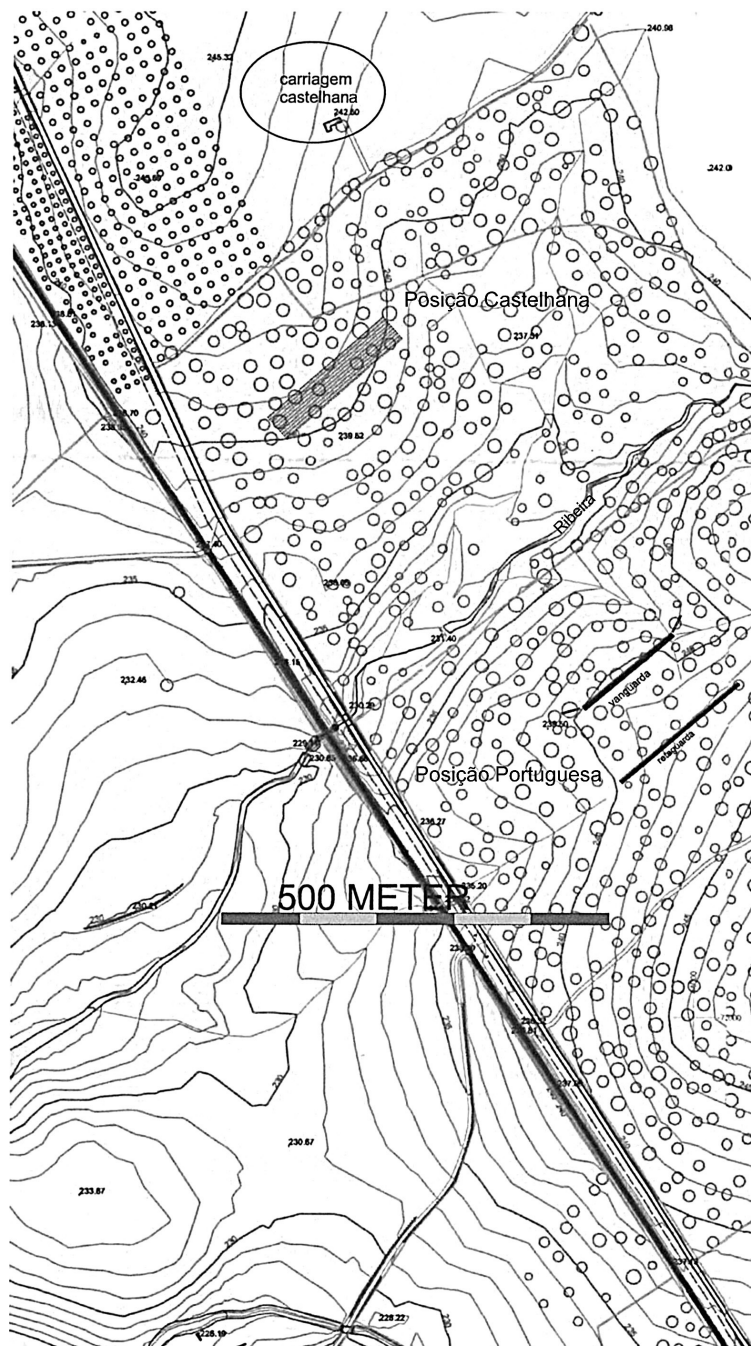
34 - Cf. Fernão Lopes, CDJ, I, cap. XCV (p. 161).

35 - Cf. John France, “A Changing Balance: Cavalry and Infantry, 1000-1300”, in *Revista de História das Ideias*, vol. 30, 2009 (pp.153-177).

36 - Cf. Miguel Gomes Martins, *Para bellum. Organização e Prática da Guerra em Portugal durante a Idade Média (1245-1367)*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007 (dissertação de doutoramento, policopiada).

são flagrantes: escolha prévia de um terreno favorável; presença de linhas de água a enquadrar o movimento das tropas; iniciativa estratégica (provocar o combate); formação apeada contra tropa a cavalo; optimização de atiradores nas alas; postura táctica defensiva (aguardar a investida do adversário); e recepção muito coesa do ataque inimigo. Em ambos os casos o combate durou pouco tempo, com o factor surpresa e o pânico a instalarem-se rapidamente na hoste mais numerosa e bem equipada e a provocarem a debandada geral.

Nestes termos, julgo que podemos concluir dizendo que Atoleiros foi uma vitória brilhante do engenho sobre a força. E foi uma vitória extremamente importante do ponto de vista psicológico, pois mostrou aos partidários do Mestre de Avis (e a todos aqueles que hesitavam ainda quanto ao caminho a seguir) que os Castelhanos, afinal, não eram invencíveis. Desse ponto de vista, Atoleiros contribuiu não só para consolidar a defesa de Lisboa mas também a posição do Mestre no plano político e emocional, e isso deve ter sido determinante para o triunfo da sua causa. Responderemos, portanto, afirmativamente à pergunta que simbolicamente inscrevemos como título deste breve estudo: “A batalha de Atoleiros (6 de Abril de 1385): ensaio geral para Aljubarrota?”.



Batalha de Atoleiros: Esquema das posições iniciais.